

A APROPRIAÇÃO PASCALIANA DO PIRRONISMO

Camila Lima de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0000-0002-7487-1963

RESUMO: Este ensaio explora o papel e as implicações do pirronismo nos *Pensamentos* (1670) de Pascal (1623-1662), destacando a recepção que o autor faz dos argumentos céticos, bem como sua crítica às pretensões dogmáticas de conhecimento e prova como um momento decisivo na história do ceticismo. Ao avaliar as filosofias cética e dogmática nos *Pensamentos* – obra póstuma e inacabada, originalmente concebida como uma “Apologia da religião cristã” –, Pascal mostra como e por que as teorias filosóficas não oferecem respostas satisfatórias para ambições fundamentais dos seres humanos, como a busca da verdade, a aspiração à certeza e o desejo de ser feliz. Para o filósofo, o ser humano se torna inconcebível a si mesmo sem o auxílio da fé.

PALAVRAS-CHAVE: Pascal. Pirronismo. Ceticismo. Dogmatismo.

PASCAL’S APPROPRIATION OF PYRRHONISM

ABSTRACT: This paper seeks to explore the role and implications of Pyrrhonism in Pascal’s *Pensées*, emphasizing Pascal’s engagement with skeptical arguments and his critique of dogmatic assertions of knowledge and proof. It considers Pascal’s reception of skepticism as an important moment in the history of this philosophical tradition. When evaluating philosophical skepticism and dogmatism in his *Pensées* – a posthumous and unfinished work, originally conceived as an “Apology for the Christian Religion” – Pascal demonstrates why philosophical theories often fail to provide satisfactory answers to vital human ambitions, such as the pursuit of truth, the aspiration for certainty, and the desire for happiness. According to the philosopher, humans become inconceivable to themselves without the aid of faith.

KEYWORDS: Pascal. Pyrrhonism. Skepticism. Dogmatism.

A retomada do ceticismo antigo, a redescoberta e a tradução das obras de Sexto Empírico,¹ no século XVI, como indicou Richard Popkin em sua *História do Ceticismo*, têm um papel fundamental para o pensamento filosófico desenvolvido na Modernidade, sobretudo no século XVII. Problemas tipicamente de caráter cético, tais como os da dúvida, do critério,

¹ *Hipótiposes Pirrônicas* (ou *Esboços Pirrônicos*) e *Adversus Mathematicos* (*Contra os professores*).

da fragilidade da razão e da suspensão do juízo, estiveram frequentemente presentes nas obras dos principais autores desse período, que perceberam nos ensinamentos difundidos pelo “divino Sexto”² uma maneira privilegiada de tratar as questões de seu tempo.

De Montaigne e seus discípulos – Charron e La Mothe Le Vayer, em especial –, passando por Descartes e Pascal, o pirronismo³ encontrou patronos, entusiastas e opositores (que o atacaram ou o rejeitaram de modo veemente), podendo experimentar e provocar, em todas essas frentes, significativas transformações filosóficas e religiosas. A partir do grande empreendimento operado por Descartes, com seu audacioso projeto de refutação do ceticismo, assistimos a uma grande mudança no modo de conceber a aplicabilidade da argumentação cética – tanto do ponto de vista epistemológico como do ponto de vista prático – e à abertura de uma nova via de reflexão acerca do papel do pirronismo. Se, com Montaigne e Charron, o “pirronismo cristão” aparecia como uma resposta ao dogmatismo escolástico de influência aristotélico-tomista, o “novo pirronismo”, de La Mothe Le Vayer, Gassendi e Pascal, surge como resposta ao “novo dogmatismo” de Descartes (McKenna, 1993, p. 204), fazendo da pretensão cartesiana do conhecimento certo e indubitável seu principal objeto de críticas.

A recepção de Pascal do ceticismo e seu antidogmatismo, por diferentes razões, chamam a atenção de leitores e intérpretes de sua obra. Enquanto jansenista, Pascal guardava uma relação bem próxima dos Solitários de Port-Royal,⁴ compartilhava com eles perspectivas políticas e religiosas, mas, mesmo tendo uma vida marcada por duas conversões,⁵ tinha uma experiência do mundo, conhecia pessoalmente os discursos e pensamentos dos laicos, dos heréticos, dos libertinos, dos eruditos e dos cientistas de sua época. Como indica o crítico Sainte-Beuve em sua obra *Port-Royal*, Pascal não foi um solitário austero e contrito, mas um belo espírito, “um homem que leu com prazer todo tipo de livro” (1953, p. 811), adquirindo,

² François de La Mothe Le Vayer (1588-1672), autor do *Petit traité sceptique sur cette commune façon de parler: n'avoir pas le sens commun* e do polêmico *De la vertu des Payens*, referia-se a Sexto Empírico como “le divin Sextus” (o divino Sexto).

³ No período que o texto trata, é comum o emprego do termo “pirronismo” como um sinônimo de ceticismo. Do mesmo modo, encontramos uma equivalência entre as palavras “cético” e “pirrônico”.

⁴ A expressão “Solitários de Port-Royal” designa o grupo de homens, adeptos do jansenismo, que, leigos ou eclesiásticos, ao longo do século XVII, afastaram-se do cotidiano comum em busca de uma vida isolada e modesta, dedicada ao cultivo espiritual e intelectual, na abadia francesa de Port-Royal.

⁵ A propósito da segunda conversão de Pascal, há uma elucidativa nota no capítulo dedicado ao autor dos *Pensamentos* na obra *Port-Royal*, de Sainte-Beuve, onde os leitores são advertidos de que, no caso de Pascal, “a palavra conversão deve ser entendida não como a passagem da incredulidade ou da heresia à crença ortodoxa, mas como a passagem de uma devoção *menor* a uma devoção mais profunda” (Cf. Sainte-Beuve, *Port-Royal*, t. I, nota 5, p. 1121).

portanto, uma considerável cultura que não se restringia ao pensamento cristão, mas abrangia também as “filosofias pagãs” influentes no século XVII.

Além de se consolidar enquanto um herdeiro do cristianismo de Santo Agostinho – autor cultivado entre os jansenistas e cujos pontos de vista deram origem à obra fundadora da doutrina *Augustinus* (1640), de Cornelius Jansen (Jansênio) –, e as marcas dessa herança terem uma importância capital em sua obra, Pascal se manteve em contato com diversos sistemas de pensamento, dedicando especial atenção às ideias expostas pelas doutrinas dogmática e cética. Em um filósofo dogmático, o estoico Epiteto, o autor dos *Pensamentos* encontra um ponto de partida para pensar os deveres do ser humano; em um entusiasta do ideal de vida cético, descobre uma ampla fonte de reflexão. As principais referências filosóficas de Pascal vêm de um dos escritores mais influentes dos séculos XVI e XVII: Michel de Montaigne.

Os grandes temas dos *Pensamentos* de Pascal estão também presentes nos *Ensaio*s de Montaigne, na *Apologia de Raymond Sebond* em particular; dentre eles, a constatação da impotência da razão, da *miseria hominis* e dos paradoxos da natureza humana. Contudo, mesmo sendo um leitor exímio dos *Ensaio*s, Pascal foi um rigoroso crítico de Montaigne, identificando seu pirronismo e sua descrição da miserabilidade humana como fatores que, em vez de nos conduzir à “busca do verdadeiro bem”, nos lançariam, antes, num precipício. Pascal rejeita a defesa montaigniana da *epokhē* cética como um caminho que conduz à tranquilidade e suspeita da ideia de que métodos céticos, como o *nettoyer l'esprit*, defendido por Montaigne e Charron, possam ser um caminho para dar lugar à crença. O filósofo faz parte dos intérpretes que acreditam que Montaigne nunca esteve verdadeiramente interessado na recepção da fé, a qual – defendia o autor dos *Ensaio*s – o exercício cético de purificação dos dogmas, das opiniões e dos preconceitos possibilitaria. A despeito de sua declaração precisa das insuficiências das teorias pirrônicas, Pascal concebe o ceticismo como um instrumento que, além de “rebaixar” a cultuada razão dos dogmáticos, mostra-se, até certo ponto, de grande relevância para a religião cristã. A apropriação pascaliana dos argumentos pirrônicos nos permite situar Pascal como inaugurador de uma decisiva fase da história do ceticismo e defini-lo como um dos mais importantes representantes da tradição cristã de pensamento.

A perspectiva pascaliana da Filosofia a delimita como um combate entre céticos e dogmáticos. Mais do que um simples desacordo, a oposição entre ceticismo e dogmatismo é vista por Pascal como uma verdadeira guerra aberta entre os seres humanos; uma guerra em que cada um de nós teria, necessariamente, de tomar partido, colocando-se ou a favor do

dogmatismo ou a favor do ceticismo sem a opção de permanecer “neutro”, pois, aquele que assim pensasse em ficar, seria “pirrônico por excelência”. Tal neutralidade (expressão da *epokhē* cética) corresponderia, nas palavras de Pascal, à essência do pirronismo; ou seguimos os dogmáticos ou nos colocamos ao lado dos céticos, obtendo estes últimos uma explícita vantagem já que “quem não é contra eles é excelentemente a seu favor” (Laf. 131).

Nessa batalha entre doutrinas antagônicas, Pascal buscou analisar de que lado se colocaria. Em seu percurso, em suas influências e em suas preferências filosóficas, identificamos um constante diálogo com o pensamento cético, assim como com o dogmático. Mas, em vez de uma escolha por uma ou outra vertente, o que permanece é a irresolução. Irresolução porque, conforme seu entendimento, não é possível decidir, satisfatoriamente, nem pelo ceticismo nem pelo dogmatismo. Embora reconheça, ao avaliar nos *Pensamentos* “as principais forças dos pirrônicos” e “o único ponto forte dos dogmático” (Ibidem), a prerrogativa dos céticos sobre os dogmáticos, Pascal opõe-se enfaticamente ao estado de incerteza provocado pela atitude cética, argumentando contra a viabilidade da existência de um pirrônico efetivo, perfeito, que ponha tudo em dúvida.

A concepção pascaliana de pirronismo introduz, na história do ceticismo, um argumento que busca, ao mesmo tempo, fazer qualquer dogmático que pretende, como fez Descartes, estabelecer certezas a partir da dúvida cética, colocar de lado suas convicções a fim de deixar o próprio cético incerto de seu ceticismo. Trata-se da ideia do “pirronismo puro”. Para Pascal, a essência do pirronismo é a dúvida; no entanto, para configurar-se enquanto uma dúvida genuinamente cética, é preciso que ela, a dúvida, não deixe nada escapar à sua atuação, voltando-se, inclusive, sobre ela própria. O cético efetivo “põe todas as coisas sob uma dúvida universal e tão geral que essa dúvida se volta sobre si mesma [...] em um círculo perpétuo e sem repouso” (Pascal, 1963, p. 293). De acordo com Pascal, seria tal a força dessa dúvida extensiva que ela deveria eliminar tanto as afirmações dos céticos quanto as dos dogmáticos, “opondo-se igualmente àqueles que afirmam que tudo é incerto e àqueles que afirmam o contrário disso” (Ibidem). Não admitindo, o pirronismo puro, qualquer afirmação, o pirrônico deveria evitar todo tipo de proferimento assertivo. Nesse sentido, o “pirrônico puro”, o “cético perfeito”, jamais poderia assegurar qualquer coisa, até mesmo que duvida: “pois, se ele diz que duvida, ele se trai, assegurando ao menos que está duvidando”. Assim, o cético só poderia explicar-se através da interrogação, como o faz Montaigne que, em vez de afirmar “Eu não sei”, adotou como seu lema a questão “Que sei eu?” – *Que sais-je?* – (Ibidem).

Ao introduzir a ideia do “pirronismo puro”, Pascal nega aos dogmáticos a afirmação de qualquer certeza e prova, inclusive a respeito da existência de Deus e de um eu que duvida e pensa. Recusada a admissão de uma dúvida que isente de sua ação a suspeita sobre o próprio ato de duvidar, Pascal solapa o mais famoso argumento daquele que se autoproclamou o primeiro a demolir as dúvidas cétricas: Descartes. Ao analisar, na “Primeira Meditação”, as “coisas que podem ser colocadas em dúvida”, Descartes excluiu de seu exercício a “dúvida sobre a dúvida”, chegou à certeza da *res cogitans* sem ter suscitado se de fato duvidava, isto é, sem ter realmente colocado em dúvida todas as suas “opiniões” como propôs ao iniciar sua *Meditação* (Descartes, 2004, p. 21). Encarando como infrutífera a obsessão dogmática por provas e demonstrações, Pascal define seu contemporâneo como “inútil e incerto”.⁶

A inutilidade e a incerteza cartesianas podem ser explicadas pelo fragmento Laf. 406 no qual Pascal afirma: “temos uma incapacidade de provar que nenhum dogmatismo pode vencer”. Isso não dignifica, porém, que o ceticismo seja o melhor caminho a se adotar; logo na linha seguinte, Pascal observa também que “temos uma ideia da verdade que nenhum pirronismo pode suplantar” (Ibidem). Se a razão impotente nos conduz ao ceticismo, a natureza, que serve de apoio a essa mesma razão, impede que cheguemos a um grau de puro pirronismo, sustentando uma dúvida que extrapola tanto que chega a duvidar de si mesma. “Que fará então o homem nesse estado?” – questiona Pascal. “Duvidará de tudo? Duvidará de que está desperto, de que o beliscam, de que o queimam? Duvidará de que duvida? Duvidará de que existe?” A conclusão é que “não se pode chegar a esse ponto” (Laf. 131).

A posição sustentada por Pascal ante a contenda dogmáticos *versus* pirrônicos é a de que não se pode ser cético sem sufocar a natureza, nem ser dogmático sem renunciar à razão: “a natureza confunde os pirrônicos e a razão confunde os dogmáticos” (Ibidem). As contradições em nós encontradas ultrapassam não apenas o conflito entre ceticismo e dogmatismo, mas toda “a filosofia humana”. Segundo Pascal, não podemos “fugir de uma dessas seitas [dogmatismo e ceticismo] nem subsistir em nenhuma delas” (Ibidem). Não podemos fugir do dogmatismo, pois trazemos em nós uma natural e indelével aspiração à verdade. Não conseguimos, igualmente, evitar o ceticismo, pois nossa razão nos oferece constantemente provas de sua fragilidade e impotência. Somos “incapazes de ignorar de modo

⁶ Laf. 887: «Descartes inutile et incertain» [*Descartes inútil e incerto.*] Ver também Laf. 553: «Écrire contre ceux qui approfondissent trop les sciences. Descartes.» [*Escrever contra aqueles que aprofundam demais as ciências. Descartes.*]

absoluto [sendo essa ignorância a forma como Pascal interpreta a *epokhē* cética] e saber de modo certo [pretensão dos dogmáticos]” (Laf. 131), pois nossa natureza, vista pelo filósofo como corrompida, carrega a marca da imperfeição e da precariedade. Daí a impossibilidade de admitir o pirronismo ou o dogmatismo como alternativas suficientes.

Encontramo-nos, assim, numa intrincada situação e, para dela sair, de nada vale buscar amparo nas “forças” filosóficas: “somente pela graça de Deus podemos ser salvos desse pântano” (Popkin, 1996b, p. 26). Pascal se vale das doutrinas filosóficas cética e dogmática para argumentar, em sua apologia do cristianismo, que a condição do ser humano sem Deus é aporética. Para superar essa circunstância, é inútil que os indivíduos recorram às “seitas”, ao soberano bem, às virtudes e ao Deus “dos filósofos e dos sábios”. É no chamado “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó” (Laf. 913) – que oferece, pela figura de Cristo, uma reparação para nossa natureza – que Pascal enxerga o auxílio para enfrentarmos o drama da existência.

Examinando o tratamento pascaliano do ceticismo, em um estudo em que figura uma tradição de pensadores céticos e/ou religiosos, de Montaigne a Kierkegaard, Richard Popkin afirma que em vez de aceitar calmamente o ceticismo, como aparentemente teriam feito Montaigne e seus discípulos, Pascal o encara como a “situação mais miserável” que se pode imaginar. Para Pascal, “o problema cético não é tanto uma questão da teoria iluminista e anedotas de humor como o era para Montaigne e seus seguidores, mas uma luta de vida ou morte pela paz e a salvação” – defende Popkin. “A razão nos leva ao ceticismo, a natureza nos defende do ceticismo e nisso reside o nosso conflito desesperado e a nossa miséria. [...] A fé salvadora não se encontra na razão” (Popkin, 1996b, pp. 25-26).

Enquanto seu contemporâneo, La Mothe Le Vayer, saúda a *epokhē* cética como um “seguro e agradável refúgio do espírito”, um “inestimável antídoto contra o presumido saber dos pedantes” (1757, p. 190),⁷ Pascal vê a suspensão do juízo como um estado deplorável que, em vez de conduzir à imperturbabilidade (*ataraxia*), nos leva à extrema lassidão e inação (*apraxia*). Certos fragmentos dos *Pensamentos* transmitem a grande aflição do filósofo ao encontrar na natureza humana um vasto número de aspirações que não serão jamais satisfeitas:

Desejamos a verdade e encontramos em nós apenas incerteza.
Buscamos a felicidade e encontramos apenas miséria e morte.
Somos incapazes de não desejar a verdade e a felicidade e somos incapazes de certeza e de felicidade.

⁷ Cf. PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*, Cap. III, p. 524.

Esse desejo nos foi deixado tanto para nos punir como para nos fazer sentir de onde caímos (Laf. 401).

Pascal faz uso do pirronismo não apenas para argumentar – como seus antecessores e contemporâneos – contra as pretensões dogmáticas de conhecimento e prova, mas também para evidenciar, por meio de uma inspiração explicitamente agostiniana, a pertinência da doutrina cristã da queda. Como defende a doutrina pirrônica, se a razão é impotente e o ser humano é incapaz de conhecimento indubitável e de uma verdade segura, é porque ele vive em um estado de corrupção de sua natureza. Para compreender o sentido do tratamento que Pascal confere a tal questão, é fundamental não perder de vista o projeto inicial de sua mais importante obra, os *Pensamentos*, originalmente concebida por seu autor como uma “Apologia da religião cristã”, um instrumento para persuadir e converter os libertinos, os ímpios, os ateus, os deístas e os pirrônicos: indiferentes e vacilantes.⁸

Segundo Pascal, todas as insuficiências e contrariedades exibidas na natureza, na vida e nas ações humanas se contrapõem ao estado pré-lapsário em que teríamos experimentado uma felicidade autêntica e uma verdade segura. Decaídos de tal categoria de harmonia e perfeição, “temos uma ideia da felicidade e não podemos chegar a ela, sentimos uma imagem da verdade e não possuímos senão a mentira” (Laf. 131). O que Pascal identifica tanto no pensamento dogmático quanto no pensamento cético é uma negligência dessa corrupção da natureza humana. Pascal admite o ceticismo no âmbito epistemológico porque este seria um resultado da queda adâmica. Somos levados ao ceticismo pelo fato de nossa razão ter sido corrompida quando decaímos de um estado original de perfeição para uma “segunda natureza” imperfeita marcada pela impossibilidade de conhecimento sólido. Embora reconheça que a razão

⁸ Cf. BRUM, José Thomaz. *Entre a Filosofia e a Fé (Sobre “Pensamentos” de Blaise Pascal)*, p. 6. Ver também GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal: conversão e apologética*, cap. VII, pp. 183-212. Tal como expõe o prefácio de Étienne Périer à Edição de Port-Royal, o projeto que Pascal pretendia realizar – a Apologia da religião cristã –, e que sua morte precoce impediu a consolidação, tinha como intuito mostrar as marcas de certeza e evidência da religião cristã – única sabedoria capaz de oferecer ao ser humano o sumo bem, o remédio para os males de sua condição e a verdade sobre sua natureza. Para tanto, Pascal precisava superar uma possível indiferença inicial de seu interlocutor e sensibilizá-lo com relação a tais assuntos, convencendo-o a respeito da importância de conhecer aquilo que se é e aquilo que pode via a ser. Tendo persuadido aquele a quem se dirige, Pascal teria ainda por tarefa fazê-lo distinguir, dentre as “sabedorias” existentes, a mais adequada às suas aspirações; com esse propósito, o conduz à filosofia e apresenta-lhe as principais teses daqueles que lhe parecem ser os mais importantes representantes das filosofias de caráter cético e dogmático. Ocorre que, ao se deparar com os diversos discursos filosóficos, o interlocutor de Pascal é levado a constatar a precariedade das sabedorias dos filósofos e é forçado a concluir que nenhuma teoria filosófica pode responder, satisfatoriamente, às questões que ele apresenta. Cf. Prefácio de Étienne Périer à Edição de Port-Royal. In Blaise Pascal. *Pensamentos*, 2001, p. XXXI-XXXII.

corrompida nos induz ao ceticismo, Pascal defende a necessidade de saída deste estado. Aceitar o ceticismo significaria se conformar com uma condição de ignorância, contrária às nossas inclinações e anseios naturais, já que teríamos tido, antes da queda, um contato com a verdade da qual conservamos, em nossa atual natureza, a ideia. Essa reminiscência da verdade, acompanhada da sensação de frustração por não obter a certeza almejada, atesta, conforme Pascal, que outrora o ser humano foi capaz de virtudes agora perdidas; atesta que suas imperfeições atuais são misérias de um grande senhor, “misérias de um rei despossuído” (Laf. 116).

Uma boa maneira de elucidar a atitude de Pascal ante às filosofias cética e dogmática é recorrer a uma das obras-chave de seu pensamento: a *Entretien avec M. de Sacy* (1655). Além das características basilares da apologética e do cristianismo pascalianos, encontramos nela uma apreciação minuciosa das ideias dos “maiores defensores das mais célebres seitas do mundo” (Pascal, 1963, p. 296): Epiteto e Montaigne. Aquele, um estoico, de uma “soberba diabólica”; este, um “pirrônico puro”, “inimigo da certeza”. Suas “seitas”: dogmatismo e ceticismo. Seus erros: não saberem que o presente estado do ser humano difere do de sua criação e privilegiar um dos aspectos de nossa natureza (ou a grandeza ou a miséria). Conforme Pascal, Epiteto exhibe em seu pensamento uma natureza orgulhosa que permite ações que não condizem com o estado corrupção, ignorando qualquer necessidade de reparação. Já Montaigne, desconsidera qualquer possibilidade de redenção do estado humano, tratando nossa natureza como “necessariamente enferma e irreparável” (Ibidem).

A resposta pascaliana às doutrinas de Epiteto e Montaigne será a mesma às proposições céticas e dogmáticas: nem uma nem outra. O dogmatismo de Epiteto suscita em nós o orgulho e o ceticismo de Montaigne, que mostra a ignorância e a falta de curiosidade como “dois doces travesseiros para uma cabeça benfeita” (Ibidem), promove a indolência. O orgulho ou a preguiça são os estados em que infalivelmente se encontrarão todos os seres humanos que buscam auxílio nas conflitantes “seitas” filosóficas. Pascal não adere à “presunção dogmática” e tampouco aprova a “indiferença pirrônica”. Sua estratégia é apontar a parcialidade das doutrinas dos filósofos para melhor persuadir seu leitor de que o caminho mais adequado a seguir é aquele indicado pela religião cristã. Se os sistemas filosóficos são incapazes de solucionar as contradições internas a eles próprios, como poderiam servir de amparo aos chamados *esprits forts* que consideram, como o Don Juan de Molière, a moral irrelevante e a fé e os dogmas cristãos simples quimeras?

Pondo em prática sua tática apologética, Pascal procura explicitar a contradição dos discursos dos filósofos. O dogmático jacta-se de uma capacidade de conhecimento e prova o que sua limitada razão não lhe outorga; o pirrônico pretende assumir uma dúvida universal, mas a natureza impede o sustento de tal posição. Dirigindo-se a ambos, Pascal força-os a reconhecer a “extravagância” de suas posições: “conhececi, pois, soberbo, que paradoxo sois para vós mesmo. Humilhai-vos, razão impotente! Calai-vos, natureza imbecil; aprendei que o homem ultrapassa infinitamente o homem” (Laf. 131). O ser humano, para Pascal, torna-se inconcebível a si mesmo sem o auxílio da fé. E é justamente a concepção de fé, sustentada pelo autor dos *Pensamentos*, que o faz rejeitar o Deus de Epiteto, de Montaigne, de Descartes e dos demais filósofos e sábios, pois a fé pascaliana não se dá senão pelo coração (*cœur*): “é o coração que sente a Deus e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão” (Laf. 424). Daí a célebre frase pascalina: “o coração tem razões que a razão desconhece” (Laf. 423).

Mostrando que alguns filósofos colocaram o soberano bem na virtude, na natureza, na verdade e “os bravos pirrônicos em sua ataraxia, dúvida e suspensão perpétua” (Laf. 76) e não ofereceram com isso remédio para os males da condição humana, Pascal deixa seus leitores aturdidos com o conflito (*diaphonia*) entre as teorias opostas, sem poderem optar por qualquer sistema. Aqui, se Pascal seguisse a atitude cética, a orientação dada seria o reconhecimento da *isostenia* e a adoção da *epokhē*. Mas, em vez da suspensão do juízo, é o salto da fé que entra em cena. A desorientação que Pascal tenta provocar em quem busca decidir por uma ou outra doutrina tem um único propósito: deixar os descrentes combalidos e extenuados para, assim, convertê-los, tal como indica um de seus aforismos: “é bom ficar lasso e cansado pela inútil busca do verdadeiro bem, a fim de estender os braços ao Libertador” (Laf. 631). A argumentação pascaliana procura mostrar que o ceticismo só é útil à religião na medida em que evidencia a fragilidade das pretensões de fundamentação de crenças com base na razão e corrobora a impossibilidade de o ser humano alcançar, sem o auxílio divino, tanto a verdade quanto uma vida feliz.

A recepção do pirronismo por Pascal determina uma relevante alteração nas características essenciais do ceticismo antigo, especialmente em seu âmbito prático. A partir de dois argumentos principais – Laf. 131 (somos “incapazes de ignorar de modo absoluto”) e Laf. 406 (“temos uma ideia da verdade invencível para todo o pirronismo”) –, nos *Pensamentos*, Pascal defende a inviabilidade prática do ceticismo e do que Sexto determinou como a principal finalidade (*telos*) da adoção da atitude cética, a *ataraxia* (H.P. I, 12). Em vez da

imperturbabilidade pirrônica, Pascal sugere que o ceticismo traz como efeito um sentimento de insatisfação, dada a aspiração à certeza impossível de ser superada.

REFERÊNCIAS

BRUM, José Thomaz. *Entre a filosofia e a fé (sobre “Pensamentos” de Blaise Pascal)*. Rio de Janeiro, Caderno Ideias, Jornal do Brasil, 08.set.2001, p. 6-6.

CHARRON, Pierre. *De la Sagesse (trois livres)*, t. I, Paris: Rapilly, Passage des Panoramas, 1827. Edição eletrônica disponível no site da Bibliothèque nationale de France (BnF)/Gallica – Bibliothèque Numérique.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. São Paulo: Discurso Editorial, 2005.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *Œuvres de François de La Mothe Le Vayer*, t. V. Michel Groell, 1757.

MAIA NETO, José R. “De Montaigne a Pascal: do fideísmo cético à cristianização do ceticismo”. In: *O que nos faz pensar*, nº8 – especial sobre ceticismo, 1994, pp. 62-71.

MCKENNA, Antony. *Entre Descartes et Gassendi: la première édition des Pensées de Pascal*. Oxford : Voltaire Foundation, 1993.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Ed. Pierre Villey. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PASCAL, Blaise. « Entretien avec M. de Sacy sur Épictète et Montaigne ». In : PASCAL, Blaise. *Œuvres complètes*, éd. Louis Lafuma. Paris: Éd. du Seuil, coll. L’Intégrale, 1963, pp. 291-297.

_____. *Pensamentos*. Edição, apresentação e notas: Louis Lafuma. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PINTARD, René. *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*. Genève-Paris: Slatkine, 1983.

PINTARD, René. « Pascal et les libertins ». In : *Pascal Présent – 1662-1962*. Clermont-Ferrant : 1962, pp. 105-130.

POPKIN, Richard H. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

_____. “Charron e Descartes: Os frutos da dúvida sistemática”. In: POPKIN, Richard. *Ceticismo*. 2ª ed. Niterói: EDUFF, 1996a, p. 11-17.

_____. “Kierkegaard e o Ceticismo”. In: POPKIN, Richard. *Ceticismo*. 2ª ed. Niterói: EDUFF, 1996b, pp. 19-39.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Port-Royal*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1953.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Doutora em Filosofia, com pesquisa concentrada na área de Crítica Cultural, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Mestre em Filosofia Moderna e Licenciada em Filosofia, com especialização em Cultura Clássica Greco-Latina, pela mesma Universidade. Realizou parte do Mestrado na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com fomento do CNPq, vinculada às instituições como aluna e pesquisadora visitante. Foi pesquisadora de Iniciação à Docência (2012-2013) pelo PIBID (Programa do Ministério da Educação, financiado pela CAPES, que investe na formação e no aperfeiçoamento de futuros docentes da Educação Básica brasileira). Tem experiência como professora, pesquisadora, tradutora e editora da área de Filosofia, com trabalhos em dois eixos principais: I. História da Filosofia (Filosofia Moderna, Século XVII, Pascal, Montaigne, Ceticismo e Relativismo Cultural) e II. Crítica Cultural (Crítica da Cultura no Brasil, Relações Raciais, Carolina Maria de Jesus, Feminismo Negro, Literatura, Arte e Cultura afro-brasileira). Atualmente desenvolve, em âmbito de pós-doutorado, pesquisa sobre o controle de imagens enquanto estratégia central da manutenção dos sistemas de dominação. E-mail: limaolive.c@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 30 de abril de 2024

Aprovado em: 03 de junho de 2024

Publicado em: 26 de junho de 2024